Carta enviada da cidade de Salvador[1]

Pe. João de Azpilcueta Navarro[2]

Aos irmãos da Companhia de Jesus de Coimbra

Desde que vos escrevi, irmãos caríssimos, a derradeira vez, estive três ou quatro meses em Porto Seguro, para onde me enviou o Pe. Nóbrega. Ali me ocupava em ensinar aos meninos a doutrina, porque é nisto principalmente que me ocupo aqui. Eles agora já aprendem tão bem que é de folgar de ver e dar graças ao Senhor, dado que no princípio tivemos trabalho em trazê-los para a doutrina, assim por causa deles como pela contradição de seus pais, como também pelos muitos enganos de muitos feiticeiros que há nestas partes que o queriam impedir. Começam já a nos dar seus filhos, e ao presente estão três ou quatro aprendendo numa casa que ordenamos para isso.

Dali também ia visitar algumas aldeias ao derredor. Uma vez me ia afogando em um rio[3] no qual há pouco tempo se afogou um frade de Santo Antônio

---

[1] Extraído de ***Primeiras Cartas do Brasil*** *(1551-1555):* introdução e notas de Sheila Moura Hue, Rio de Janeiro, Zahar, 2006, pp. 77-85.

[2] João de Azpilcueta Navarro (Navarra, ci. 1522 – Bahia, 1557) chegou ao Brasil em 1549, na primeira missão jesuítica. Foi um dos primeiros a aprender a língua dos índios, no que o terá ajudado sua estada de três ou quatro meses em Porto Seguro e a convivência com um ótimo intérprete que lá havia. Posteriormente, ele mesmo traduziu para a língua da terra vários trechos bíblicos e orações, e era, segundo testemunho de seus colegas, o que tinha maior desenvoltura com o tupi. Em 1553, o padre Navarro fez parte da primeira entrada nos sertões de Minas Gerais.

[3] Rio dos Frades, no município de Porto seguro, que desemboca ao sul de Trancoso, próximo à praia do Espelho. Recebeu esse nome justamente por causa do afogamento do frade aqui citado.

que ia desta mesma capitania pregar no sertão. Passei grande perigo, por ser o rio mui corrente e enganoso de passar. Outra vez íamos eu e Vicente Rodrigues, e levávamos em nossa companhia um língua[4], e fomos a umas aldeias distantes que ainda não tínhamos visitado. No caminho passamos grande trabalho e perigo por nos ser necessário algumas vezes andar à noite e por matos, porque aqui não há os caminhos de Portugal, e há neles muitas onças e outras feras. Assim, chegamos a uma aldeia onde achamos os gentios todos embriagados, porque aqui têm uma maneira de vinho de raízes que embriaga muito, e quando eles estão assim bêbados ficam tão brutos e feros que não perdoam a nenhuma pessoa, e, quando não podem mais, põem fogo na casa onde estão os estrangeiros. Com tudo isto, porque chovia muito e íamos mui molhados, nos recolhemos em outra casa para nos enxugar, e daí a pouco vieram com grande fúria, com espadas e outras armas contra nós, mas valeu-nos o língua ser bom, que com boas razões os amansou. E porque Deus ainda não era servido, em amanhecendo, vendo que aquela gente não tinha discrição[5] para vir tão cedo ao conhecimento da fé, nem estava disposta a isto, partimos para outra onde estava um principal dela determinado com toda gente a comer quantos brancos ali viessem a aportar. Contudo, pela misericórdia do Senhor, nos recebeu bem, nos ouviu pelo língua a doutrina cristã, e mostravam ele e todos os demais folgar muito em ouvi-la, mas não ousaram dizê-la por um feiticeiro os persuadir que com aquelas palavras lhes dávamos a morte, e que se o dissessem com suas bocas logo morreriam. Daqueles ministros sói usar o demônio, temendo ser aqui desterrado, como penso que o vai barruntado.[6]

Assim andamos por outras aldeias não sem pouco trabalho e desconsolo por ver tão pouco conhecimento de Deus e gente tão indisposta e incapaz para receber a fé, ainda que com sua rudeza mostrem folgar em ouvi-la e desejos de recebe-la. Também passamos muito perigo em outras partes, assim pelas feras — por caminharmos algumas vezes de noite porque de dia por alguns lugares é muito perigoso, acertou-se que eu ficasse atrás uma noite, e a maior parte andei sozinho, e o língua e Vicente Rodrigues me davam como morto, se não fora por o língua tornar atrás para buscar-me, em grande perigo me veria — como também pelos gentios que são mui inclinados a comer carne humana. Contudo, trouxe-nos o Senhor salvos por este caminho, ainda que cansados e magros, mui consolados pelos trabalhos pelo Senhor recebidos.

Dali também íamos às aldeias batizar alguns que estavam para matar e comer, trazendo-os primeiro — segundo podia compreender sua capacidade — ao conhecimento de nossa santa fé, e concedendo o batismo. Este mal de comerem-se uns aos outros anda mui danado entre eles, e tanto é que há poucos dias falaram a ou ou dois que tinham a engordar para isso se queriam que os resgatassem, e eles dizia que não os vendessem, porque cumpria à sua honra passar por tal morte como valentes capitães. Eles não comem uns aos outros senão por vingança[7]. Tem o demônio muito domínio sobre eles, o qual dizem que algumas vezes lhes aparece

[4] Intérprete.

[5] Capacidade de discernir; discernimento.

[6] Barruntar: suspeitar, desconfiar, conjecturar.

[7] De fato, os povos tupis regiam-se por duas linhas de força: guerra e vingança.

visivelmente e lhes bate e os atormenta outras vezes, asperamente. Nosso Senhor os livre de suas mãos.

Nesta capitania encontrei um homem de boa índole, antigo na terra, e que tinha o dom de escrever a língua dos índios, que foi para mim grande consolação, e assim o mais do tempo gastava em dar sermões do velho e novo testamento, mandamentos, pecados mortais e obras de misericórdia, com os artigos da fé, para que os tornasse à língua. Tudo mandarei na primeira embarcação.

Daí fui para a Bahia de Todos os Santos, por ter sido chamado pelo pe. Nóbrega, onde ao presente estou. Alguns dias depois de chegado, ele e eu fomo s a uma aldeia dos gentios, e procuramos que se juntassem todos, e depois de juntos lhes fizemos uma prática através de um língua e, quando terminada, lhes ensinamos a doutrina cristã; o pe. Nóbrega me deu possessão dessa aldeia, para tê-la a meu cargo. E querendo nos despedir deles, fi-los primeiro benzer-se, e vendo as pedras preciosas que traziam nos beiços e no rosto lhes disse, como rindo, que os estorvam persignar-se, o que eles tomaram a sério, e, sendo de muito valor, jogaram-nas onde nunca mais apareceram, o que muito me consolou. E daí em diante continuei por muito tempo a visita-los, até que um cristão mandou aí fazer uma casa para que nela lhes ensinassem, a qual o pe[8]. entregou ao irmão Vicente para que continuasse a doutrina, e assim nela ensinava, dormia e comia com muita edificação e proveito para os índios.

No dia do Anjo[9] determinou-se que se batizassem muitos, assim homens como mulheres, e quase nos faltavam nomes de santos para dar a cada um o seu. Entre eles batizamos um feiticeiro muito velho e lhe colocamos o nome de Amaro. E assim ordenamos fazer uma procissão com todos juntos, os mais novos pusemos na dianteira, que seriam vinte e cinco, e logo os homens, e as mulheres na traseira, e um menino deles com uma cruz. E assim fomos todos rezando pelo caminho em voz alta o *Pater noster,* até a cidade.eu ia com os dianteiros, o irmão Vicente com os de trás. De muita edificação isto foi na cidade, e aos demais fez muita devoção, ficando os índios mais firmes e com grandes desejos de ser bons cristãos. Com razão trouxe Deus a isto pelas obras boas que sempre fizeram aos cristãos.

Depois disto, com licença do pe. Nóbrega, fui a outra aldeia, de cento e cinquenta fogos, [10] e fiz ajuntar os mais moços e lhes fiz a doutrina em sua própria língua,[11] achei alguns aqui mui hábeis e com tal capacidade que bem ensinados e doutrinados podiam fazer muito fruto na gentilidade, para o que temos muita

---

[8] O pe. Nóbrega.

[9] Dia do anjo custódio de Portugal, terceiro domingo de julho.

[10] 150 moradias.

[11] Se em Porto Seguro o pe. Navarro ainda precisava do auxílio de intérpretes, pouco tempo depois, nessas suas andanças pelo interior da Bahia, ele já era capaz de fazer sermões em tupi, o que atesta a rapidez com que aprendeu a língua dos índios. Foi o primeiro, também, a confessar sem intérprete.

necessidade de um colégio nesta Bahia para ensinar os filhos dos índios, já temos alguns, e mais nos dariam se tivéssemos possibilidade de recolhê-los e de sustenta-los, o que, por ser a terra recentemente povoada, ainda não se pode fazer. Está na mão de el rei nosso senhor leva-lo ao cabo e ajudar-nos para que o terminemos, porque já o temos começado e sem sua ajuda parece impossível acaba-lo, e muito mais folgaríamos que ele próprio o mandasse fazer para ficarmos mais livres e desocupados para o espiritual.[12] Este colégio será bom não somente para recolher os filhos dos gentios e dos cristãos, para os ensinar e doutrinar, mas também para a paz e o sossego da terra e proveito da república. Nosso senhor o ordene como for mais a seu serviço e proveito das almas.

Depois de algo introduzidos os desta aldeia na fé, passei adiante, a outra, e, chegando, me disseram que então haviam acabado de matar uma moça, e mostraram-me a casa e, entrando nela, percebi que a estavam cozendo para comê-la; a cabeça estava pendurada em um pau. Comecei-lhes a estranhar e enfear o caso, tão abominável e contra a natureza. Respondeu-me um deles que, se eu continuasse a falar, outro tanto nos faria, eu não o entendi, senão o língua que levava comigo, ao qual insisti que falasse o que eu lhe dissesse, mas nunca ousou dizer palavra, então, quando vi aquilo, comecei-lhes a falar do que sabia, e ao final ficaram nossos amigos e nos deram de comer, e depois fui a outras casas, nas quais achei pés, mãos e cabeças de homens no fumo. Aos donos dessas casas também enfeei muito aquilo e os persuadi que aborrecessem[13] tão grande mal. Depois nos disseram que todos enterraram as carnes, até a moça que estava sendo cozida, e parece-me que algum tanto se emendaram, ao menos não vemos mais ao descoberto tais coisas.

Nisto e em coisas semelhantes do serviço de Deus e proveito das almas me ocupava enquanto o pe. Nóbrega aqui esteve, e depois que daqui partiu para Pernambuco,[14] o mesmo que ficou com o ofício dele encomendado. De maneira que quando aqui estou nesta cidade de Salvador, acudo às necessidades espirituais dos cristãos, que nunca faltam, e daqui acorro às aldeias dos gentios que há ao redor a ensinar-lhes a doutrina cristã e fazer cristãos os que estiverem aptos para receber o sacramento do batismo.

Depois de o pe. Nóbrega ter partido daqui, me aconteceu, há alguns dias, resgatar um moço e tirá-lo das mãos dos gentios que já estavam para o dividir em pedaços e comer; é muito bonito, dei-lhe o nome de nosso irmão Antônio Criminal[15] que em serviço do Senhor foi morto na Índia, ele na glória queira ser intercessor com Deus para que esta alma se salve e de nós tenha especial memória. E, estando escrevendo esta, um índio me veio buscar, com sua mulher e filhos, para que os batizasse, que queriam ser cristãos, mas adiei-lhes o sacramento até serem

---

[12] No entanto, foram os próprios jesuítas que construíram o colégio da Bahia.

[13] Aborrecer: afastar-se, distanciar-se.

[14] Nóbrega partiu da Bahia para Pernambuco no dia 16 de julho de 151, tendo chegado a seu destino no dia 26 do mesmo mês.

[15] O padre Antônio Criminal, morto pelos badagares na Índia, em 1549. Era considerado mártir pelos missionários da Companhia.

ensinados na nossa fé. Assim uso com todos, salvo em perigo de morte, tanto por ser necessário serem primeiro instruídos nela como por outras razões, que mais ou menos já devem saber por outras cartas que vos escrevi.

Cristo Nosso Senhor escreva Sua santa vontade em nossos corações para que nesta vida somente a cumpramos.